

Fernando F. Altenfelder Silva
Mariangela de Arruda Góes Jorge
Beatriz J. Almeida Buschineelli*

Vários são os autores que pesquisaram o grupo Terena no Brasil e que enfocaram os diversos aspectos desta cultura sem se deterem, em particular, nos papéis desempenhados pela mulher e na sua importância até mesmo na esfera doméstica.

Esta tendência, muito própria da Antropologia em geral, pode ser entendida pelo fato de que os homens, em muitas culturas, ocupam realmente o centro das atividades e o acesso a eles torna-se mais fácil que às mulheres, que são mais guardadas. Tal fato não nega e nem diminui, porém, a importância das atividades femininas. Modernamente, os antropólogos reconhecem o estudo das atividades das mulheres como básico para entendimento do funcionamento da sociedade e para a análise holística da cultura. Na etnografia brasileira, contudo, este é ainda um campo carente de dados informativos.

Nesta medida, nossa tentativa nesta comunicação é enfatizar a importância da posição da mulher indígena Terena, cujo estudo foi até agora relegado a um segundo plano. No entanto, não pretendemos com este estudo apresentar uma interpretação etnocêntrica, mas tão somente trazer subsídios que permitam uma visão mais ampla da sociedade Terena. O objetivo deste trabalho é, pois, o exame da visão feminina do mundo Terena frente aos problemas decorrentes de seu envolvimento pela sociedade nacional, com base em uma pesquisa de campo na qual pudemos constatar que os papéis das mulheres são orientados pela família e neste contexto é que aparecem suas atividades e relações básicas.

Esta realidade indica que o estudo dos papéis familiares é fundamental para compreender a posição da mulher na sociedade Terena. Porém ele só poderá ser completado na medida em que se tiver uma compreensão total das mulheres Terena em todos os aspectos da vida, ou seja, não só na esfera privada, como na esfera pública.

Nossos informes de campo procedem de uma visita feita a várias das aldeias Terena, como parte de um projeto sobre a situação indígena no sul de Mato Grosso, patrocinado pela FUNAI.

* Comunicação apresentada na 29ª Reunião da SPFC, Julho de 1977

* Professora Colaboradora do Departamento de Ciências Sociais da UFES.

Boletim de Sociologia e Antropologia

Univ. Fed. Espto. Santo, Vitória, n. 2, out/nov. 1977

As entrevistas foram feitas com informantes femininas e por entrevistadoras que pretendiam assim buscar informações diretamente de mulher para mulher, a fim de saber como ela vive e o que faz, tentando superar uma falha etnográfica presente em muitas monografias de antropólogos que se utilizaram essencialmente de informantes masculinos, mesmo quando desejavam conhecer aspectos da vida das mulheres.

Um fato importante para colocar em cena o que a mulher representa na vida Terena, é a própria situação em que se desenvolveram as entrevistas. A participação masculina foi difícil de ser impedida: a presença do homem anulava a participação da mulher. Às perguntas dirigidas a ela, o homem, quando presente, respondia em seu lugar, fosse marido ou filho.

A esfera doméstica é, de fato, domínio feminino. A ação da mulher se desenvolve principalmente no lar: "a mulher manda na cozinha, na costura e dentro de casa; lá fora é o homem". Este comportamento Terena revela uma adequação a um sistema onde o homem detém o poder e assume uma posição de dominação sobre a mulher. Ao realizarmos as indagações nas casas dos indígenas Terena, estávamos ali representando a sociedade Nacional. Daí, a interferência do índio Terena, quando presente às entrevistas, nas quais as questões eram propostas à informante, - sua esposa, irmã ou mesmo mãe - , pois o contexto lhe parecia mais público que privado.

Tentando analisar os dados coligidos, percebemos que, apesar do nosso interesse no comportamento real da mulher Terena, que nos parecia no nível ético mais relevante para o nosso objetivo, as interferências dos homens no fornecimento das informações sobre a atuação feminina, trouxeram uma conotação num nível diferente de análise, na medida em que representavam manifestações normativas, ou seja, de caráter êmico.

A POSIÇÃO DA MULHER TERENA

A mulher Terena, dentro da esfera doméstica, desempenha ainda seus papéis fundamentais e é neste primeiro nível que podemos entender sua posição na sociedade a que pertence. Cada estágio na vida de uma mulher dá a ela um papel específico para cumprir: daí a importância, enfatizamos, dos diferentes papéis familiares de "filha", "mulher", "mãe" e "irmã", cuja sucessão pode ser vista, como sua própria história de vida. A esfera doméstica,

Durante o mês de setembro de 1976, em obediência a um convênio mantido pelo Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro da UNESP e a FUNAI, visitamos as aldeias Terena de: Caobocirinha, Ipegue, Limão-Verde, Bananal, Moreira, Passarinho, Água-Branca.

então, torna-se seu mundo, o único onde ela está inteiramente familiarizada e no qual ela se sente competente e confortável, graças à enculturação a que foi sujeita.

Na medida, porém, em que este processo está sofrendo, cada vez mais, influências externas à cultura Terena, representadas pelo envolvimento pela sociedade nacional, a posição da mulher começa a sofrer mudanças.

A restrição ao mundo doméstico é hoje muito mais patente para a geração feminina mais velha, e as avós estão mais adaptadas a essa situação que as jovens Terena, expostas às solicitações extra-familiares. A tradição básica Terena, pela sua permanência maior, tem que ser buscada, pois, na língua e na mulher Terena.

Examinando estes dois aspectos, verificamos que a língua Terena é a única tradição cultural que ainda existe, e se exprime como o primeiro meio de comunicação entre mãe e filhos: o português só é aprendido na idade escolar, quando a criança deixa o lar e inicia sua maior participação na vida social. A mulher tem, pois, um papel extremamente importante na transmissão da visão cultural Terena.

O exame da vivência íntima do núcleo familiar, no caso das gerações mais velhas, revelou situações em que mulheres não falam português ou não querem falar.

Atribuímos tal fato, ou ao relativo isolamento, ou ainda a uma consciente resistência às mudanças, como forma de preservação da principal e básica tradição existente: a língua Terena.

A transmissão da visão cultural do grupo não se limita somente ao nível da linguagem. À mulher cabe a maior parte da tarefa de educar os novos Terena e o seu relacionamento com a própria prole é muito mais intenso do que a do homem. As próprias decisões neste nível, apesar das regras normativas dizerem o contrário, partem realmente da mulher. Ela dirige a casa, organiza as atividades das crianças, estabelecendo certa divisão de trabalho quanto ao sexo. As meninas ajudam na cozinha, lavam, limpam. Os meninos não têm, em geral, atividades domésticas expressas.

A meta mais significativa na educação feminina é tornar a garota uma boa esposa e mãe, boa esposa na medida em que saiba agradar o marido, fazer coisas para ele. Enquanto o menino deve ser preparado para ser um bom trabalhador.

A inculcação de valores e atitudes é um processo mais sutil e difícil de estudar. Mas nas respostas às questões que formulávamos, foi uma constante a ênfase nestes aspectos, quando se respondia à pergunta: "O que

se ensina às crianças ?" E os valores sempre presentes e ressaltados foram: "obediência, respeito aos mais velhos e aos brancos".

Segundo uma informante: "eu, como mãe, ensino que deve respeitar, por exemplo, vocês, quando chegam em nossa aldeia. A gente tem que respeitar, falar, então a gente ensina o português. Tem muitas crianças que já sabem, tem muitas que não porque a gente fala mais a nossa língua pra eles ... Nós ensinamos a respeitar os mais velhos, cumprimentar... Essas coisa."

" Ser um bom Terena significa educação, respeitar mais velhos, respeitar todo mundo. Prao ser respeitado, tem que respeitar também".

" Nesta época em que estamos, o que manda é o estudo, saber falar, responder para brasileiro".

O ensinamento é visto assim, pelos índios, mais ao nível dos valores - o que eles ensinam em termos de atividades não lhes parece educação, mais sim uma questão de ajuda, de auxílio nas tarefas. As meninas ajudam a mãe, e os meninos o pai.

Paralelamente às atividades e relações que são básicas à vida das mulheres, dentro do contexto familiar, tentamos captar outros papéis por elas desempenhados, buscando conhecer sua posição como produtora. Qualquer que seja a estrutura da família, as mulheres têm um grande papel na produção econômica. No caso Terena, é baseada na agricultura. Numa dimensão que pode ser caracterizada como economia de "sobrevivência:" plantam arroz, feijão, milho, mandioca e frutas. Cada família tem sua roça e o trabalho não mecanizado requer a cooperação de todos: pai, mãe e filhos.

A mulher participa, assim, da atividade econômica essencial para o sustento da família, levando consigo os filhos: meninos e meninas trabalham, começam aprendendo a carpir e ajudam também na colheita.

Essa tarefa apesar de importante não tem, porém, prioridade sobre o horário escolar das crianças, mesmo em época de colheita.

Fora do âmbito doméstico, e às vezes da própria aldeia, as mulheres têm visto surgir alternativas para suas atividades. Além do desempenho dos papéis de "mãe" e "esposa", básicos, elas podem ter outras atividades e relações com não membros de suas famílias, mas tais atividades tendem a ser vistas como extensões de seus papéis familiares e as relações extra-familiares são tidas como secundárias àquelas baseadas no parentesco.

Não importa, agora, discutir até que ponto tais relações são realmente secundárias, o importante é não desprezá-las neste nível de análise para poder compreender a sua posição total e não apenas parcial.

Existe uma situação fora da aldeia que é muito significativa para a

mulher: a feira nas cidades. Duas vezes por semana as mulheres fazem a feira. Levam produtos em grande parte resultantes da coleta, mais que da produção agrícola, são acompanhadas de suas crianças e dão conta desta atividade que parece essencialmente feminina; os homens não deixam seu trabalho na roça para acompanhá-las. O movimento é fraco e o resultado não muito grande; funciona mais como uma complementação por parte da mulher ao sustento da casa. "Dá para comprar um pedaço de carne duas vezes por semana". Na "feira das índias", os preços em geral são mais baratos que os dos outros mercados da cidade, e os produtos comercializados são principalmente: mandioca, cheiro-verde, banana, batata, palmito, laranja, coquinho, folhagens, ervas e orquídeas.

Além da feira, que é realizada nas cidades próximas às aldeias, a ida a Campo-Grande torna-se uma extensão dessa possibilidade comercial da mulher, que leva frutas para vender no grande centro onde o comércio é melhor.

Algumas informantes afirmaram terem feito tais viagens sozinhas, quando não, levam uma filha para acompanhar, o que continua a evidenciar seu despreendimento do marido nesta atividade. A frequência das viagens não é muito grande, mas sugere uma possibilidade de contato importante, ao nível feminino. O conhecimento da língua Nacional é essencial para o desempenho destas atividades, para o relacionamento fora da aldeia, o que justifica sua presença entre as mulheres mais novas. As mais velhas, as avós, não têm aparecido nestas situações; seus limites de atuação continuam sendo coincidentes com os do grupo doméstico.

As jovens solteiras estão sendo, cada vez mais, requisitadas para o trabalho doméstico, quer pela população regional das cidades, quer pelos próprios fazendeiros da região. Tem havido grande saída de moças das aldeias para trabalhar fora. O trabalho é contratado pela família interessada e o chefe do Posto indica certas medidas de controle. A jovem não pode sair sozinha pela cidade em busca de emprego: ela deve ser procurada na aldeia e seus patrões têm o dever de buscá-las no início do contrato e levá-las de volta ao seu término. A jovem passa a viver com a família, na cidade, enquanto durar seu contrato de trabalho. Essa saída favorece a abertura de outros horizontes através do estabelecimento de relações com o mundo exterior.

As possibilidades e ampliação das experiências das novas gerações femininas já podem ser notadas através de seu comportamento, seu vocabulário, modo de vestir, etc. Enquanto limitações sobre a experiência da garota favorecem timidez e dependência para assegurar a ela os limites domésticos, as novas situações começam a apresentar jovens mais libertas dessa dependência e menos tímidas. Como elas se comportarão como esposas? Os homens esta

rão preparados para essa nova mulher, fruto de experiências mais intensas com a sociedade nacional, num nível que podemos afirmar mais amplo que dos jovens rapazes? O trabalho do rapaz Terena é mais ligado à terra, na roça da aldeia ou nas fazendas vizinhas, seu contato com a cidade não chega a ter a amplitude que tem o da jovem empregada doméstica que convive, passeia, viaja com as famílias da cidade. As novas descobertas femininas parecem não estar sendo acompanhadas, no mesmo nível, pela geração masculina da mesma idade, apesar dos rapazes terem normativamente mais abertura para saírem da aldeia e irem à cidade. O Terena não deixa de ser, porém, um trabalhador rural que vai à cidade para passear, enquanto a mulher Terena desempenha, na cidade, uma atividade de trabalho que a envolve em níveis diferentes de participação. Não estamos esquecendo que esta participação é limitada. Existem sérios problemas de marginalização indígena na cidade, porém, a situação que se apresenta à mulher que trabalha com uma família na cidade, dá a ela mais possibilidades de conhecer a vida fora da aldeia. A questão que limita nossa apreensão da realidade é que esse processo é recente: são as jovens filhas que estão desfrutando uma nova posição, suas mães não tiveram tais experiências.

Encontramos, também, mulheres índias desempenhando papéis de professoras na aldeia. Tanto a mulher quanto o homem podem ter acesso a esse tipo de trabalho: tornar-se professor da FUNAI e ensinar nas escolas da aldeia. O número de professoras Terena não é, contudo, representativo a ponto de superar o das professoras da cidade que também trabalham nas aldeias. Mas é importante que exista como alternativa de trabalho feminino. As experiências de uma professora Terena a colocam numa posição em estreito relacionamento com "o mundo civilizado".

O que ela ensina é o que aprendeu lá fora e as orientações que recebe e que coloca em prática em suas aulas têm como objetivo "civilizar" os seus patrícios. Mesmo que ela dê suas aulas em língua Terena, o conteúdo de seus ensinamentos é orientado pela FUNAI para facilitar a "integração", dar as regras do jogo do mundo externo à aldeia.

A escola é, na aldeia indígena, a ponte de ligação com o "branco". Ela ensina a nova língua, única possível de ser utilizada na comunicação com a cidade, e dá, além disso, os ensinamentos que o índio precisa para poder se tornar mais próximo do "homem civilizado". Toda essa educação etnocêntrica orientada para "integrar" o índio na única forma de vida considerada boa e certa, tem levado os pais a estimular seus filhos à aprendizagem escolar, na medida em que eles possam assim competir ou desfrutar uma posi

ção melhor na sociedade. Segundo um informante, o crescimento populacional dos Terena é uma abertura importante para o indígena; "acho bom que o número de população aumentou, pois assim a nossa tribo não pode acabar". "Queremos também ser como vocês. Eu sempre falo que nós queremos entrosar e civilizar, mas não deixar nosso costume como índio. Como índios nós sempre nos orgulhamos porque os primeiros homens que foram achados no Brasil somos nós. Mas queremos que nossos filhos entrossem mais e aprendam mais na educação".

Essa reação está de acordo com o que significa ser índio nesta sociedade de que participam: "índio é bugre, é selvagem". Nessa medida, o importante para os Terena é mostrar que eles também são capazes e não precisam deixar de ser índios para isso. A estratégia básica é a de que a tribo continue a crescer, ela deve se manter Terena, mas para que a luta seja "honestá", é preciso que os índios tenham as mesmas armas. O que este informante declarou significa exatamente que, se seus filhos tiverem as mesmas condições de educação que os brasileiros, poderão enfrentá-los mais facilmente na competição sócio-econômica. Não é necessário deixar de ser índio, mas é importante conhecer melhor as regras do jogo e mostrar que são capazes. Os preconceitos de que são alvo não existem porque seu tipo físico os torna identificáveis de imediato, mas porque são pobres, tem pouca educação, pequena possibilidade de emprego, etc.

Quando tentamos procurar todas as situações em que a mulher pode desempenhar outros papéis desligados de suas relações de parentesco, encontramos ainda a enfermeira como funcionária da FUNAI para trabalhar nas aldeias.

O curso que a habilita a trabalhar na enfermagem indígena é rápido, com duração de um mês, no hospital da missão em Dourados, Mato-Grosso. Após este curso iniciará ela suas atividades no atendimento de socorro aos índios. Poderá fazer curativos, visita a todas as casas, procurando dar instruções sobre higiene e fazer o trabalho de vacinação. Age a enfermeira indígena como elemento inovador com respeito aos antigos tabus alimentares e dietas, procurando introduzir uma nova orientação. Por exemplo, afirmava a enfermeira Terena: "nestes partos que eu faço, já explico tudo, quais os cuidados que se deve ter. A comida, pode comer de tudo. Eles não têm dieta assim, agora quando outra parteira faz, essas antigas, aí tem dieta... A gente que estuda, explica para elas o que deve fazer".

Nesse nível, a enfermeira representa também um papel que a coloca em contato com a Sociedade envolvente para aprender, através dela, a orientação a seguir, indo sempre contra as tradições indígenas, numa tentativa "civilizadora".

CONCLUSÃO

Quando focalizamos, neste trabalho, a mulher na sociedade Terena, foi com o intento de melhor compreender o seu papel e o que ela significa.

Procuramos, apesar das limitações do tempo disponível para trabalho de campo, examinar a sua real posição e atuação dentro do grupo em estudo.

Este exame nos levou a interpretar a mulher Terena dentro de uma situação global de sua sociedade, em níveis de participação que se opõem. O envolvimento do grupo pela sociedade nacional tem cada vez mais contribuído para acarretar mudanças na vida feminina.

Tradicionalmente, a mulher tem uma posição de subordinação, sua vida é orientada pelo contexto familiar, e suas atividades voltadas para o âmbito doméstico. Como normas das versões dos antigos mitos Terena, encontramos a mulher apenas como procriadora, isto é, a partir de seu próprio ventre ou de sua atuação surge um novo herói no mito.

"No principio havia um único YURIKOYAVAKAI, que vivia com sua irmã LIVETCHETCHEVENA. YURIKOYAVAKAI cortava o raio do mundo. Sua irmã plantou uma árvore e quando esta frutificou YURIKOVAKAI roubou o fruto. LIVETCHETCHEVENA zangou-se e cortou-o pelo meio. Da parte de cima cresceu um YURIKOVAKAI, da parte de baixo cresceu outro. Mas o primeiro era quem mandava".(1)

Há uma outra versão do mesmo mito na qual LIVETCHETCHEVENA abrindo o próprio ventre origina outro YURIKOYUAKAI.

A mulher é, no mito responsável pela criação, especialmente uma fêmea produtora. O mito apresenta uma divisão de trabalho sexual onde cabe a ela o desempenho de uma função restrita ao ambiente doméstico, localizando sua atuação apenas no âmbito privado do lar.

No mito que conta a origem dos Terena, e de como eles receberam o fogo e seus instrumentos, assim encontramos a referência ao papel da mulher Terena:

"--- Os índios não tinham instrumentos e foram pedi-los a YURIKOYUAKAI. Ele deu aos Terena todos os instrumentos: para os homens deu a faça de madeira, peritau, foice de madeira, chopicoloti, o machado, povooti, a enxada, ahará, e o tacape ou pu'lac, e para as mulheres YURIKOYUAKAI deu o fuso, hopai." (2)

- 1) ALTENFELDER SILVA, F.F. " Mudança Cultural dos Terena " in Revista do Museu Paulista, N.S., vol. 3, pg. 349
- 2) IBIDEM, página 351

Hoje, na sociedade Terena, a participação da mulher pode ser vista a partir de seu papel como esposa e mãe, que a caracteriza como a transmissora da visão cultural do grupo. Esta atuação se revela no ensino da língua. Terena e toda a tarefa de enculturação em relação aos filhos. É aqui que encontramos sua grande participação como elemento integrador da cultura. Sua responsabilidade neste nível é de real importância; a permanência e manutenção da sociedade Terena está muito a seu cargo.

Ela procria as novas gerações. As mulheres não fazem controle de natalidade e procuram dar aos filhos aquilo que consideram bom para ser um Terena. Isto é o que encontramos a partir da mulher dentro da esfera doméstica e como elemento catalizador.

Quando ampliamos o conhecimento da situação para além deste limite, a mulher aparece agindo como um elemento de contato entre os Terena e a sociedade envolvente: assim é quando a encontramos sistematicamente nas feiras cidadinas ou no desempenho do trabalho como empregada doméstica, ou ainda como professora nas aldeias.

É aqui que se reconhece antagonismo da situação da mulher Terena porque, neste último nível, sua participação é muito mais disruptiva pois age como elemento intermediário de mudança, apondo-se ao seu papel principal que é o de intensificar a coesão grupal da tradição Terena.

Como resultante, deve-se ressaltar a extrema importância do papel desempenhado pela mulher Terena no processo de integração do índio aos padrões contraditórios da sociedade envolvente.

4.2 - Uma política sem Coronéis *

"Terra de aventureiros. Não tínhamos um líder político de posição social."

MARIA APARECIDA DE LIMA AVILA E CARVALHO

Os líderes municipais são chamados, na literatura sobre política local corrente no Brasil, de "Coronéis". O nome teve sua origem quando da criação da Guarda Nacional, em 1831 (1), para substituição das milícias e ordenanças do período colonial. Barbosa Lima Sobrinho, em seu prefácio a Nunes Leal (2), diz que "a patente de Coronel correspondia a um comando municipal ou regional, por sua vez dependente do prestígio econômico ou social de seu titular, que raramente deixaria de figurar entre os proprietários rurais".

E mais: "... as patentes traduziam prestígio real... No fundo, estaria o nosso velho conhecido, o latifúndio, com os seus limites e o seu poder inevi